



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## **COSTURANDO OS RETALHOS: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE SANTIAGO DO IGUAPE.**

Ana Paula Batista da Silva Cruz

Estudante do Mestrado em História da

Universidade Estadual de Feira de Santana.

E-mail. [apbscunica@yahoo.com.br](mailto:apbscunica@yahoo.com.br)

### **RESUMO.**

O presente estudo concentra-se na análise das experiências históricas da Comunidade Remanescente de Quilombos de Santiago do Iguape. Comunidade esta que situa-se na Bacia do Iguape, a 40 Km do município de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia e a 110 Km da cidade de Salvador. A comunidade fica as margens da Baía do Iguape, constituída por aproximadamente, 2.500 habitantes divididas em vários núcleos familiares que se interligam por laços de parentesco e afinidade. Santiago do Iguape já é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombos e está em processo de lutas pela titulação das terras quilombolas. Buscaremos analisar a questão fundiária da comunidade, bem como sua organização política e a relação com a identidade quilombola.

Palavras chaves: Comunidade, territorialidade, identidade.

### **APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho concentra-se no estudo das experiências históricas da Comunidade Remanescente de Quilombos de Santiago do Iguape. Comunidade esta que situa-se na Bacia do Iguape. Na mesma localidade ainda encontramos outras comunidades de remanescentes de quilombos como a do Engenho da Ponte, Engenho Novo, Calolé, Caimbongo, Opalma, Campinas, Caonge, Calembá, Cabonha, Dendê, Embiara, São Francisco do Paraguaçu e Tombo. O conjunto das comunidades soma aproximadamente sete mil habitantes.

Santiago do Iguape comunidade remanescente de quilombo foco dessa pesquisa localiza-se a 40 Km do município de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia e a 110 Km da cidade de Salvador. A comunidade fica as margens da Baía do Iguape, constituída por aproximadamente, 2.500 habitantes divididas em vários núcleos familiares que se interligam por laços de

parentesco e afinidade. Santiago do Iguape já é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombos e está em processo de lutas pela titulação das terras quilombolas.

Santiago do Iguape possui energia elétrica, água tratada, telefone público e residencial, algumas ruas pavimentadas, nove Igrejas evangélicas, uma Igreja Católica que é uma das igrejas matriz da Bahia, um centro espírita, uma Igreja messiânica e uma casa de candomblé. Possui três escolas duas municipais e uma estadual. Possui um posto policial, porém está desativado, possui um posto médico, programas sociais como o CRAS-Quilombola e o PETI (Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil). Disponibiliza de um serviço de rádio comunitário, possui uma associação de moradores ACASI, (Associação Cultural e Artística de Santiago do Iguape) associação quilombola e uma associação de pescadores, além de existir na comunidade times de futebol, grupos de samba de roda, de dança afro e outras atividades culturais.

Referente às associações, podemos destacar que a Associação dos moradores tem sede própria a sede comunitária, fica localizada na praça Geraldo Simões da comunidade onde funciona o sistema de rádio local. Para ser sócio da associação é preciso pagar uma taxa mensal que serve para manutenção da sede da ACASI, cabe destacar que poucos são os associados à estimativa é de aproximadamente 98 sócios. Para fazer eventos na sede comunitária é preciso pagar uma taxa, a associação dispõe de uma direção que organiza todas essas questões.

A Associação de Pescadores classificada pelo código Z52 surgiu devido à demanda da comunidade, uma vez que os moradores de Santiago do Iguape eram sócios da Associação de Pescadores da cidade de Maragogipe classificada pelo código Z7, ou seja, como tinha vários moradores da comunidade de Santiago do Iguape associado à Colônia Z7, foi solicitado à construção de uma sede na comunidade de Santiago do Iguape.

A Associação Z52 situa-se na Rua Quebra-Cabeça, é uma associação civil de direitos privados, sem fins lucrativos daqueles que praticam a pesca como seu principal meio de subsistência. A Colônia foi fundada em 10 de Abril do ano de 2005 sobre a presidência do senhor Erivaldo Araújo, que permanece até os dias atuais possui aproximadamente 1000 associados, sendo 70% deles pescadores e 30% marisqueiras.<sup>1</sup> A principal finalidade da Colônia é representar a defesa dos direitos e interesses dos pescadores junto a Federação dos Pescadores do Estado da Bahia. O principal fator preponderante no cadastramento consiste,

---

<sup>1</sup> A maioria das pessoas que atuam na coleta de mariscos são mulheres.

não apenas, na organização do exercício de pescadores e marisqueiras, mas na sua auto-afirmação como pescadores<sup>2</sup> e remanescentes de quilombos.

Pensando na economia da comunidade, a pesca é uma peça fundamental para a sobrevivência dos seus habitantes, tendo em vista que grande parte da população se alimenta e trabalha da pesca. A distribuição do pescado chega às feiras de Cachoeira, Santo Amaro e Salvador. Dentro da comunidade também tem criatório de ostras onde algumas famílias trabalham em conjunto e dividem os lucros, o esquema de vendas não é diferente dos pescadores, geralmente, os mariscos são vendidos para comerciantes nas cidades vizinhas. Por esses motivos a associação de pescadores centraliza grande parte das ações da comunidade.

A Associação Quilombola de Santiago do Iguape não tem sede própria, as reuniões atualmente acontecem na casa do povo ou no centro comunitário. Sob a direção da chapa que tem como presidente o Senhor Silvio da Silva. As discussões sobre Comunidades Remanescentes de Quilombos começaram a acontecer de forma mais intensa Em Santiago do Iguape no ano de 2006, momento em que a comunidade se organizou para montar uma coordenação e fundar a Associação Remanescente de Quilombo de Santiago do Iguape.

Esse período foi marcado por lutas e estratégias de conquistas de terras quilombolas, a Associação Quilombola de Santiago do Iguape ocupou as terras do antigo Engenho Brandão<sup>3</sup> *Os moradores alegaram que só queriam o que eram deles por direito e que as terras eram improdutivas e que muitos deles plantaram nas terras até serem postos para fora pelos proprietários.*<sup>4</sup> As terras foram então ocupadas e divididas entre aproximadamente 40 núcleos familiares, que plantam para suprir suas necessidades pessoais e o excedente acaba sendo vendido nas feiras das cidades vizinhas, como Cachoeira e Santo Amaro.

Nesse sentido buscaremos fazer um estudo sobre a comunidade remanescente de quilombo de Santiago do Iguape com a pretensão de construir uma visão histórica sobre a comunidade, analisando o seu processo de surgimento, de organização política, luta pela terra e o processo de construção e consolidação de uma identidade quilombola na comunidade. É uma pesquisa que ajuda a cristalizar os estudos sobre o Recôncavo da Bahia, se debruçando sobre um objeto de estudo ainda não analisado pela perspectiva histórica, bem como problemática que se abre

---

<sup>2</sup> Entrevista com Erivaldo Araujo no dia 22/09/2008. Presidente da colônia dos pescadores.

<sup>3</sup> Segundo Ananias Viana. “As terras que a comunidade planta terras da Família Brandão terra antiga que na família deles tinha senhores de engenho e quando pesquisaram na cadeia sucessória do INCRA essas terras não tinham documentos então não tem nada não paga ao próprio INCRA então não registrou documento”. Entrevista com Senhor Ananias Nery Viana-17/04/2010.

<sup>4</sup> Informações obtidas através da Ata de Fundação da Associação Quilombola da Comunidade Santiago do Iguape

frente ao estudo sobre o negro. Os estudos sobre a comunidade remanescente de quilombos Santiago do Iguape, pretende dar voz ao homem comum.

### **A QUESTÃO FUNDIÁRIA.**

Como já foi citado Santiago do Iguape, fica cercado por comunidades circunvizinhas, muitas delas remanescente de quilombos, sobretudo, comunidades que são remanescente de ex-engenhos, o mapa de localização dos engenhos da Bacia do Iguape, nos revela que onde situa-se as comunidades atualmente localizavam-se os engenhos.<sup>5</sup>

Santiago do Iguape que é foco dessa pesquisa tinha em seus limites o Engenho Central de Santiago do Iguape. O historiador Walter Fraga Filho coloca em seu livro *Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia*<sup>6</sup> que o Engenho Central de Santiago do Iguape exercia uma forte influência sobre as freguesias em seu entorno. Fraga Filho quando cita no seu livro o estudo de caso do Engenho da Cruz sinaliza a relação socioeconômica e cultural entre o Engenho da Cruz com a Freguesia de Santiago do Iguape. O autor coloca que a população do Engenho da Cruz usava o Cartório de Santiago do Iguape e a Igreja Matriz da Freguesia. Chama atenção também para o fato de que a produção do Engenho Central de Santiago tinha uma acentuada relação com a produção do Engenho da Cruz.

Essa breve descrição da Freguesia do Iguape apresenta-se necessária, para compreendermos como se configurava a localidade no período de funcionamento do Engenho Central, mas o período de concentração do presente estudo é justamente o momento de declínio do Engenho Central, momento esse que é marcado pela compra do mesmo por Pedro Paulo Rangel. Vale salientar que os herdeiros de Rangel são personagens importantes atrelados a outros fatores para compreensão da configuração das terras na comunidade, bem como as discussões de identidade quilombola na contemporaneidade.

Pedro Paulo Rangel Comprou a fazenda de Elvira Alves Novis, comprou através de escritura pública de compra e venda lavrada no tabelionato de contas em 12 de maio de 1933, com os limites que partia do lado da fazenda Catu até a fazenda Caimbomgo.<sup>7</sup> O trecho acaba nos revelando o momento da compra do engenho central, que coincide com o momento da desagregação de alguns engenhos no recôncavo, ou até mesmo a transição ou transformação

---

<sup>5</sup> Ver o mapa em anexo: Ilustração cedida pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Recôncavo da Bahia (NEAB-Recôncavo). Mapa de Localização dos Engenhos da Bacia do Iguape.

<sup>7</sup> Ver: Fórum da cidade de Cachoeira, Cartório de Registro de imóveis, livro 2º 3E nº 1.485 (pg. 92).

deles para usina, como aponta Costa Pinto em seu artigo *Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana*<sup>8</sup>.

Relatos importantes como o de Maricélia Barcelar Bulcão Rangel<sup>9</sup>, que é casada com um dos herdeiros de Pedro Paulo Rangel, são de fundamental importância para o entendimento desse contexto. Maricélia Rangel coloca que aproximadamente em 1930 Pedro Paulo Rangel, avô de seu esposo, comprou o Engenho Central e alguns lotes de terras que veio a aumentar a população da comunidade de Santiago do Iguape. No período que Pedro Paulo Rangel teria comprado o Engenho Central de Santiago do Iguape. O mesmo não produzia mais cana-de-açúcar, pois os engenhos já estavam sendo desativados, “*mas ele era um comerciante e plantava muito, o mesmo também lucrava com as terras arrendadas, as pessoas arrendavam as terras plantavam muita mandioca, muito feijão, tinha casa de farinha, fazia azeite e o lucro era dividido com o proprietário da terra*”.

Com o tempo o Pedro Paulo Rangel foi vendendo partes das suas terras que acabou virando propriedade privada, ou mesmo ocupando-as por forma de arrendamento, ou seja, as pessoas pagariam uma taxa mensal para utilizar as terras, mas não teriam a posse das terras. Maricélia Barcelar Bulcão Rangel afirma também que a família Rangel continua pagando ao INCRA pela propriedade da terra. O que Maricélia Rangel apresenta aqui são dados que nos ajudam a compreender como se configurou a reorganização das terras de Santiago do Iguape no período de decadência do Engenho Central.

Cabe ressaltar que essa é uma problemática que perdura até os dias atuais, tendo em vista que as terras da comunidade remanescente de quilombos de Santiago do Iguape são forristas, ou seja, moradores da comunidade são condicionados a pagar o foro da terra para os herdeiros da família Rangel, mesmo que de forma diversificada de pagamentos, ou com intensidade diferente. O processo de negociação em torno da ocupação dessas terras será melhor pesquisado no decorrer da pesquisa.

---

<sup>8</sup> PINTO. C. L.A . *Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana*. In: BRANDÃO. M. A. (org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia. 1998.

<sup>9</sup> Entrevista com Maricélia Barcelar Bulcão Rangel – 15/05/ 2010. A Entrevistada possui 40 anos, é professora de História na Escola Rural de Santiago do Iguape.

## **A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DA COMUNIDADE E IDENTIDADE QUILOMBOLA.**

Santiago do Iguape, como já citado possui três associações, mas o foco dessa análise é a Associação Quilombola de Santiago do Iguape, pois acaba sendo um fator fundamental para compreensão do processo de construção e consolidação de uma identidade quilombola na comunidade.

Nesse sentido, é importante retomar a formação do CECVI (Centro de Cultura do Vale do Iguape) que foi idealizado pelo Senhor Ananias Viana, que é coreógrafo, trabalha com dança e economia solidária em algumas comunidades remanescente da Bacia do Iguape. E através dos projetos do CECVI Viana visava à formação do Conselho Quilombola do Vale do Iguape, com a justificativa dos problemas econômicos que a comunidade estava passando, devido em especial ao declínio da Fabrica Opalma<sup>10</sup>.

Eu fiquei o tempo todo trabalhando com Dança, mas a minha intenção não era só trabalhar os jovens os pais dos jovens, era articular um projeto maior e esse projeto está acontecendo hoje ai dentro desse projeto se teve a discussão de formar uma organização o CECVI (Centro de Cultura do Vale do Iguape) e através do CECVI a gente pediu a certidão quilombola de 5 comunidades de início, essas comunidades foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares<sup>11</sup>

Dessa forma podemos perceber a importância da formação do CECVI para a fundação do Conselho Quilombola de Santiago do Iguape que tem por objetivo agregar todas as associações quilombolas do Vale do Iguape, até as fundadas antes mesmo da formação do Conselho, fundadas por iniciativa do CECVI. Devido a essas discussões em comunidades circunvizinhas, que no ano de 2006 começou a pensar sobre o discurso de comunidades quilombolas em Santiago do Iguape.

A Associação Quilombola de Santiago do Iguape, buscou nesse contexto a ocupação das terras que estavam sobre a propriedade da Senhora Marina Brandão, terras essas do Antigo Engenho Brandão. Esses lotes foram cercados pelas famílias fator que gerou tensões entre a população local, tendo em vista que, o discurso feito sobre terras quilombolas chama atenção para a

---

<sup>10</sup> A Fabrica Opalma, localizava-se na Acutinga, que atualmente leva o nome de Opalma, em especial por ter tido em seus limites a fábrica opalma, que produzia azeite, olho, sabão. Segundo o Seu João Abadi, morador do Engenho da Ponte, 61 anos. Os moradores da região do Vale do Iguape em sua maioria trabalhavam para a Fabrica muitos trabalhavam na plantação de dendê, outros na produção dos produtos industriais e até as mulheres e as crianças trabalhavam, mas segundo Abadi trabalhavam em casa, quebrando coco de dendê. O depoimento de Antônio Abadi acaba cruzando com o de Ananias Viana sobre a Fabrica Opalma, no sentido que os dois apontam para uma decadência econômica na região com o fechamento da Opalma. Ver: Entrevista como João Abadi- 25.03.2011. e Entrevista com Ananias Nery Viana- 17/04/2010.

<sup>11</sup> Entrevista com Senhor Ananias Nery Viana-17/04/2010.

coletividade dessas terras. Como podemos perceber essa questão nos estudos da Antropóloga Rosy Oliveira onde a autora coloca *que o ato de se assumirem como quilombolas, segundo a legislação vigente, significa desfrutar da posse da terra como um bem coletivo e sem autorização para vender a propriedade; fato gerador de contrariedade e desconforto*<sup>12</sup>.

As tensões acontecem, pois a comunidade Santiago do Iguape é consideravelmente grande e poucos têm acesso às terras quilombolas, dessa forma, sentem-se excluídos das discussões referente à Santiago do Iguape ser uma comunidade remanescente de quilombos, os discursos de grande parte dos moradores da comunidade, bem como de alguns representantes da Associação Quilombola evidencia esse fato. *Só é quilombola em Santiago do Iguape quem tem um lote de terras na ocupação, terras essas que ficaram conhecidas na comunidade como “Quilombo”*<sup>13</sup>.

Percebemos que a Identidade quilombola da população de Santiago do Iguape, ainda está em processo de construção, sobretudo após o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo. Dessa maneira Stuart Hall chama atenção para o fato das identidades serem construídas historicamente, estando assim sempre em processo de formação<sup>14</sup>. Alessandra Schmiti, Maria Manzolituratti e Maria de Carvalho<sup>15</sup> chamam atenção para o fato da atribuição de uma identidade quilombola funcionar como estratégia de acesso a terra.

A figura da Associação Quilombola de Santiago do Iguape acaba ficando fragilizada, pois muitos moradores da comunidade Santiago do Iguape não se sente representado pela Associação.<sup>16</sup> Em especial pelo fato dos herdeiros de grande parte do que chamamos de comunidade Santiago do Iguape a família Rangel, estabelecer taxas de ocupação para uma parte dos moradores da comunidade<sup>17</sup>. E a negociação<sup>18</sup> dessas taxas são feitas diretamente

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Rosy de. **O Barulho da Terra: Nem Kalunga Nem Campones**. Curitiba: progressiva, 2010

<sup>13</sup> Informações retiradas a partir de conversa informal com moradores da Comunidade de Santiago do Iguape em trabalho de Campo no ano de 2009. Podemos perceber também essa preocupação na entrevista com o Senhor Ananias Nery Viana. “A gente vai ter que sair discutindo com todo mundo porque as pessoas pensam que os quilombolas daqui são aqueles que estão na terra.”

<sup>14</sup> HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

<sup>15</sup> SCHMITI, Alessandra, MANZOLITURATTI, Maria Cecília, CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **Atualização do Conceito de Quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas**. In: Ambiente

<sup>16</sup> Podemos perceber isso no número de sócios da Associação Quilombola que são 118 e menos da metade frequentam as reuniões mensais. As palavras do Senhor Edson Falcão ex-presidente da Associação e Atual suplente do presidente ilustra bem o quadro apresentado. “O certo de acontecer à reunião é mês em mês, mas parece que cinco meses que não temos reuniões porque a nossa comunidade, eles bem pouco vai quando vai é quatro ou cinco”

<sup>17</sup> Entrevista com a Senhora Antônia Batista da Silva\_17/05/2010. A Entrevistada possui 63 anos, moradora da comunidade Santiago do Iguape. A entrevistada coloca que sua família paga uma taxa para permanecer nas suas terras e quem geralmente vai cobrar essas taxas é a senhora Ina Rangel.

<sup>18</sup> Ver: CARVALHO, Eduardo Guimarães de. **O Negócio da Terra**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ 1991.

entre os moradores da comunidade e os herdeiros, sem intermédio da Associação Quilombola, que reivindicam direito a terras para todos. Acredito que os moradores revelam esse sentimento de não representatividade da associação, não comparecendo as reuniões da mesma. As discussões sobre a identidade quilombola na comunidade Santiago do Iguape estão permeadas por todos esses fatores e acredito que ainda terão outros redimensionamentos.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

- Ata da Associação Quilombola de Santiago do Iguape, ano de 2006 até o ano de 2009.
- ARAÚJO, Tatiana Brito de. **Os engenhos centrais e a produção açucareira no Recôncavo Baiano**. Salvador: FIEB, 2002.
- Alberti, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.
- ARAÚJO, Maria Paula. FERNANDES, Tania Maria. *O Diálogo da História Oral com a Historiografia contemporânea*. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **História oral: Teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: UFJF, 2006.
- ARRUTI, José Maurício. *Quilombos*. In: SANSONE, Livio e PINHO, Osmundo Araújo (org's). **Raça Novas perspectivas antropológicas**. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.
- BARBARA, Xênia de Castro. **Espaço e Memória**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro vol. 6. N. 10, 1999.
- BARICKMAN, B. J. **Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão, 1780 – 1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRANDÃ, Maria Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia. 1998.
- BRASILEIRO, Sheila. **Sacutiaba e Riacho Sacutiaba: Notas Sobre Uma Comunidade Negra Rural do Oeste Baiano**. Afro-Asia, nº 023 UFBA, Brasil, 2000.
- CARVALHO, Eduardo Guimarães de. **O Negócio da Terra**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ 1991.
- CHAUÍ, Marilena (1973) *Apresentação: Os Trabalhos da Memória*. In BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo, EDUSP.
- Daisy Macedo Barcellos, Miriam de Fátima Chagas, Mariana Balen Fernandes...[et al.] **Comunidade Negra de Morro Alto: Historicidade, Identidade e Territorialidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Mocambos e comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

HOBBSAWN, Eric. *Introdução In: HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (org.). A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas SP: UNICAMP, 1996.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Vestígios **recuperados: experiência da comunidade Negra Rural de Tijuacú-BA**. Anuário de pesquisa da UNEB. Salvador, BA-Edição 1, p. 1-1.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, História e Sujeito: substrato da identidade In: Mesa-redonda História Oral*. 2000.

OLIVEIRA, Rosy de. **O Barulho da Terra: Nem Kalunga Nem Campones**. Curitiba: progressiva, 2010

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e OLIVEIRA, Rosy (org.S). **Sociabilidades Negras. Comunidade Remanescente, Escravidão e Cultura**. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana Ltda, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos e REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *História Regional e Local: discussões e práticas*. Salvador: Quarteto, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. *Correntes campos temáticos e fontes: uma aventura da História*. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 69-70.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. *Algumas reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias In: Mesa-redonda História Oral*. 2000.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e Flávio Gomes. **Origens da roça negra**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional . ano 3. n. 27, 2007.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e OLIVEIRA, Rosy (org.S). **Sociabilidades Negras. Comunidade Remanescente, Escravidão e Cultura**. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana Ltda, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro Vol. 5. N. 10, 1999.

REIS, João José. **Quilombos e Revoltas escravas no Brasil “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”**. Revista USP, São Paulo (28) : 14-39 Dezembro/ Fevereiro 95/96.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**. São Paulo: Companhia das letras 1996.

Regimento da Associação Quilombola de Santiago do Iguape.

SILVA, Aline Pacheco; et al. **Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida.Mosaico: estudos em psicologia**. Belo Horizonte, n.1, p. 25-35, 2007

SCHMITI, Alessandra, MANZOLITURATTI, Maria Cecília, CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **Atualização do Conceito de Quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas.** In: Ambiente & Sociedade- Ano V. N° 10- 1º semestre de 2002.

SHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835.** São Paulo: Companhia das letras, 1988.

#### **FONTES ORAIS.**

Aurélio Lisboa. Entrevista 16 de julho de 2009. Aurelina Souza dos santos. Entrevista 20 de dezembro de 2009. Ananias Nery Viana. Entrevista, 17 de abril de 2010. Angêlo Bispo dos Reis. Entrevista 15 de março de 2010. Antônia Batista da Silva. Entrevista 2 de fevereiro de 2010. Celina Conceição. Entrevista 20 de março de 2010. Edson Falcão. Entrevista 25 de abril de 2010. Esmeralda Ramos Pereira. Entrevista 16 de março de 2010. Fernando da Cruz. Entrevista 18 de março de 2010. Iná Barros de Jesus. Entrevista 6 de fevereiro de 2010. Lauriano de Oliveira. Entrevista 13 de dezembro de 2009. Maricélia Barcelar Bucão Rangel. Entrevista 15 de maio de 2010. Maria São Pedro. Entrevista 20 de março de 2011. João Abadia Entrevista 17 de setembro de 2001.

## ANEXO.

## Localização dos Engenhos



CRUZ, Ana Paula Batista da Silva. Entrada da Comunidade de Santiago do Iguape.

